

UMA ANÁLISE GEOPOLÍTICA DO CORNO DE ÁFRICA

A GEOPOLITICAL ANALYSIS OF THE HORN OF AFRICA

António Manuel Gonçalves Alexandre

Capitão-de-mar-e-guerra da Marinha Portuguesa
Coordenador da Área de Ensino Específico da Marinha no Instituto Universitário Militar (IUM)
Investigador do Centro de Investigação e Desenvolvimento do IUM
1449-027 Lisboa
alexandre.amg@ium.pt

Resumo

A região do Corno de África tem vindo a assistir a um aumento substancial no número de missões militares estrangeiras desde 2001, com particular relevo para a última década. O aspecto mais visível dessa militarização é o número de forças navais destacadas na região e a proliferação de instalações militares em áreas do litoral em redor do Estreito de Bab el-Mandeb, no Mar Vermelho e no Golfo de Áden. O conflito no Iémen tem sido nos últimos anos um relevante foco de instabilidade regional e no segundo semestre de 2019 a possibilidade de um confronto militar aberto entre os blocos que apoiam as fações oponentes subiu francamente. Pretende-se com este artigo analisar as disputas geopolíticas em curso no Corno de África. Os EUA mantêm uma presença forte e além de atores regionais de relevo, como a Arábia Saudita e o Irão, outras potências, incluindo a China, a Rússia, o Qatar, Israel, o Egito, os Emirados Árabes Unidos e a Turquia, têm vindo a posicionar-se para reforçarem a sua presença nesta região. Os resultados evidenciam a existência de relevantes disputas geopolíticas no Corno de África ao nível das potências globais e regionais, que podem elevar o risco de um conflito militar.

Palavras-Chave: Corno de África, Estreito de Bab el-Mandeb, Mar Vermelho, Golfo de Áden, conflito no Iémen.

Abstract

The number of foreign military missions in the Horn of Africa has increased substantially since 2001 and particularly over the past decade. The most visible aspect of this militarisation is the number of naval forces deployed in the region and the proliferation of military facilities in the coastal areas surrounding the Bab el-Mandeb Strait, the Red Sea, and the Gulf of Aden. Over recent years, the conflict in Yemen has been an important focus of regional instability, and the likelihood of a military conflict between the blocs that support the

Como citar este artigo: Alexandre, A. M. G. (2020). Uma Análise Geopolítica do Corno de África. *Revista de Ciências Militares*, novembro, VIII(2), 13-43. Retirado de https://www.ium.pt/?page_id=5714

opposing factions increased sharply in the second half of 2019. The aim of this article is to analyse the current geopolitical disputes in the Horn of Africa, where the US has a strong presence, as do other prominent regional players such as Saudi Arabia and Iran. However, other powers, including China, Russia, Qatar, Israel, Egypt, the United Arab Emirates and Turkey, have been preparing to strengthen their presence in the region. This study identified relevant geopolitical disputes that can increase the risk of a military conflict between global and regional powers in the Horn of Africa.

Keywords: Horn of Africa, Bab el-Mandeb Strait, Red Sea, Gulf of Aden, Yemen conflict.

1. INTRODUÇÃO

Corno de África é a designação atribuída à península geograficamente localizada no Nordeste do continente africano, delimitado a Norte pelo Mar Vermelho e pelo Golfo de Áden, e compreende quatro países: a Eritreia, o Djibuti, a Etiópia e a Somália (Figura 1) (Melvin, 2019).



Figura 1 – Corno de África

Fonte: World Atlas (2018).

A região inclui o Estreito de Bab el-Mandeb que liga o Mar Vermelho ao Oceano Índico e é considerado um dos quatro *chokepoints*¹ críticos para o comércio internacional do petróleo (Figura 2) (Cunningham, 2018). Os outros três são o Estreito de Ormuz, o Estreito de Malaca e o Canal do Suez (Cunningham, 2018).

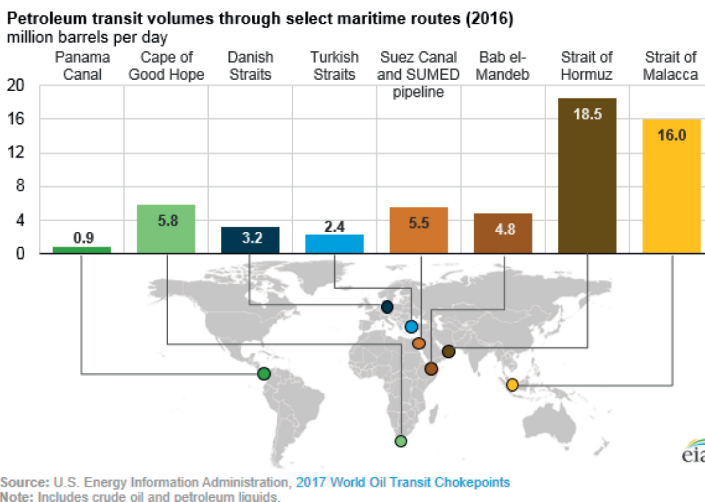
¹ Considerados pontos de estrangulamento no ambiente marinho de elevado valor geoestratégico e geoeconómico que causam congestionamento natural ao tráfego marítimo através de importantes vias navegáveis (Popescu, 2016).



Figura 2 – Chokepoints da Península Arábica e oleoduto SUMED

Fonte: EIA (2019).

A Figura 3 mostra o volume de petróleo e de produtos derivados que transitaram, em 2016, pelas principais rotas marítimas internacionais, sendo visível a relevância que, neste contexto, assumiu o Estreito de Bab el-Mandeb.



Source: U.S. Energy Information Administration, 2017 World Oil Transit Chokepoints
 Note: Includes crude oil and petroleum liquids.

Figura 3 – Volume de transito de petróleo através dos chokepoints mais relevantes, em 2016

Fonte: EIA (2017).

Mas este estreito é igualmente determinante para a segurança alimentar global. Um relatório da *Chatam House*, de 2017, elenca 14 *chokepoints* de importância sistêmica para o comércio alimentar mundial, dos quais oito são marítimos. O Estreito de Bab el-Mandeb figura entre eles (Bailey & Wellesley, 2017).

Por outro lado, o conflito no Iémen foi um acelerador da tensão nesta região, que já antes havia sido fortemente fustigada por outros fenómenos, como a pirataria marítima, a forte mobilização terrorista, o contrabando de armas e o fluxo intenso de refugiados de África para o Iémen, entre outros (Al Maashi, 2017). Dura há mais de cinco anos e tem resultado numa crise humanitária sem precedentes, já que matou mais de 10.000 pessoas e provocou milhões de deslocados, contribuindo significativamente para o aumento do número global de refugiados.

A presença de organizações extremistas violentas com ligações a grupos jihadistas globais levanta preocupações adicionais sobre a segurança no Estreito de Bab el-Manded e nos espaços marítimos adjacentes. Nos últimos anos não têm ocorrido ataques terroristas nestes espaços marítimos. No Iémen, no entanto, tanto a Al Qaeda na Península Arábica (AQAP), que domina uma faixa importante de território no país, quanto uma pequena organização do ISIS (acrónimo que significa *Islamic State of Iraq and Syria*, vulgarmente conhecido como Estado Islâmico), estão ativos, conforme mostra a Figura 4.

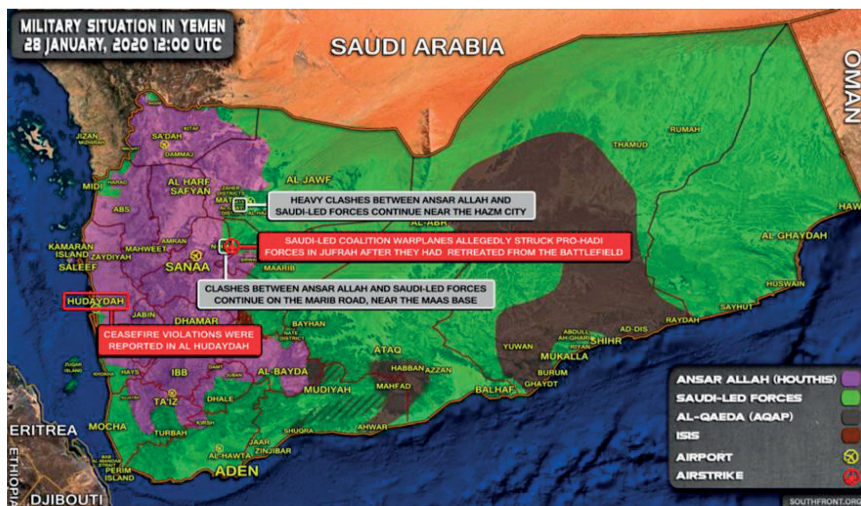


Figura 4 – Situação militar no Iémen em janeiro de 2020

Fonte: South Front (2020).

Como o transporte marítimo representa aproximadamente 90% do modo como os produtos em todo o mundo são transportados, a interferência nos pontos de estrangulamento é uma séria ameaça aos negócios internacionais (Pothecary, 2016). O Estreito de Bab el-Manded não é exceção. Quase todo o comércio marítimo entre a Europa e a Ásia passa por esta estreita via navegável. Se a segurança desta região for colocada em causa, as companhias de navegação ou optam pela utilização de rotas marítimas Europa-Ásia alternativas, afastando-se do Mar Vermelho, o que terá custos elevados (circum-navegando o continente africano via Cabo da Boa Esperança,

por exemplo, acrescentaria ao trânsito pelo menos cerca de 3.000 milhas náuticas ao transporte marítimo), ou assumem riscos acrescidos quando os seus navios transitam através daquele estreito (Pothecary, 2016).

Aos riscos económicos e de segurança relativamente às companhias de navegação, somam-se os que resultam do facto de os próprios meios navais presentes na região terem dificuldade em conter qualquer ataque inopinado que surja de terra, por exemplo através do lançamento de mísseis a partir da costa iemenita (como aconteceu em outubro de 2016 em que foram disparados mísseis contra dois navios da marinha norte-americana – *USS Mason* e *USS Ponce*), ou através do uso de lanchas rápidas, carregadas de explosivos, que são difíceis de detetar e de intercepar num local em que a capacidade de manobra dos navios de guerra é extremamente limitada (Pothecary, 2016).

É neste contexto que, além dos vários atores regionais, os EUA mantêm uma relevante presença militar na região, e diversas outras potências, incluindo a China, a Rússia, Israel e a Turquia, têm vindo a posicionar-se para fortalecerem a sua presença nos espaços adjacentes ao Estreito de Bab el-Mandeb (Aljamra, 2019).

Tornando-se necessário delimitar a investigação, em termos de conteúdo foca-se apenas em atores estatais, e, dentro destes, exclusivamente no nível global (EUA, China e Rússia) e no nível regional (Arábia Saudita, Irão, EAU, Egito, Israel, Qatar e Turquia); centra-se no Estreito de Bab el-Mandeb e nos espaços marítimos do Corno de África (sobretudo o Mar Vermelho e o Golfo de Áden); em termos de tempo cinge-se ao período de 2015, ano em que eclodiu o conflito iemenita, até à atualidade.

O argumento deste trabalho consiste em demonstrar que o Corno de África e os espaços marítimos envolventes, pela relevância que têm vindo a assumir para o comércio marítimo internacional, sobretudo de energia, em particular entre a Ásia e a Europa, são um importante palco de relevantes disputas geopolíticas e de afirmação de poder de diversas potências, tanto globais quanto regionais.

2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

Quando o Canal do Suez foi inaugurado, em 1869, a Europa e o Sudeste asiático ficaram mais próximos e o Estreito de Bab El-Mandeb ganhou importância acrescida. A navegação mercante podia transitar diretamente do Mar Vermelho para o Mar Mediterrâneo, pelo que a distância dos portos asiáticos aos portos europeus foi reduzida em até dois terços. A rota marítima através do Estreito de Bab El-Mandeb ganhou preponderância e tornou-se mesmo uma das mais cruciais em todo o mundo, até porque a sua largura e profundidade permitiam que navios das mais diversas tipologias, construções e dimensões, em particular com maiores calados, cruzassem, em simultâneo, em lados opostos, o estreito (Wood, 2018).

Embora o Corno de África tenha sido um ativo teatro de competição entre os EUA e a União Soviética durante a Guerra Fria, após este período, e sobretudo depois da onerosa

Batalha de Mogadíscio², em 1993, a comunidade internacional desinteressou-se quase completamente por esta região. Desde o final da década de 1990, no entanto, o Mar Vermelho, o Estreito de Bab El-Mandeb e o Golfo de Áden têm vindo a enfrentar potenciais ameaças à livre circulação do comércio internacional devido, sobretudo, à presença de redes do crime organizado, ao terrorismo, à pirataria marítima e a disputas territoriais. De facto, embora a passagem do Golfo de Áden para o Mar Vermelho tenha até agora permanecido aberta, às fontes de insegurança antes referidas somam-se, já no corrente século, sobretudo nos anos mais recentes, a presença de atores estatais competindo fervorosamente entre eles e a que se dará a devida atenção nos capítulos seguintes.

Os principais desenvolvimentos de segurança ocorridos desde o início do século XXI e o elevado valor geoestratégico e geoeconómico da região prenderam a atenção de várias potências, criando uma espécie de corrida à edificação de bases militares. No caso concreto do Djibuti, um Estado com menos de um milhão de habitantes, que se tornou independente em 1977, além de uma base naval francesa que aí existia já de longa data, passou a abrigar mais bases militares estrangeiras do que qualquer país do mundo, incluindo uma norte-americana (2002), uma japonesa (2011), uma italiana (2012) e uma chinesa (2017), para além de infraestruturas de menores dimensões de outros Estados (Safak, 2019).

Na década passada, vários Estados investiram fortemente em diversos portos no Corno de África, muitas vezes após a obtenção de acordos comerciais, com a abertura de bases militares próximas (por exemplo, a China no Djibuti, os EAU em Berbera, na Somalilândia, e a Turquia em Mogadíscio, na Somália). A Figura 5 mostra, a título de exemplo, o dispositivo militar na região do Corno de África em 2019 (Melvin, 2019).

² Na sequência da queda do presidente Siad Barre (1991), foi criada, em dezembro de 1992, uma força internacional destinada a desarmar os clãs oponentes e a garantir a entrega da ajuda humanitária às populações. O Conselho de Segurança da ONU determinou, em março de 1993, a realização de uma operação de imposição da paz. A Aliança Nacional da Somália (ANS), partido de Aidid, tornou-se um problema para a comunidade internacional, dado que praticava emboscadas frequentes às forças internacionais e pilhava a ajuda humanitária. O principal objetivo das forças da ONU passou a ser pôr fim às ações do ANS. A 3 de outubro de 1993, em Mogadíscio, foi conduzida a sexta tentativa para capturar o general Aidid. A missão fracassou e resultou na morte de inúmeros militares norte-americanos (Alvarenga, 2008).

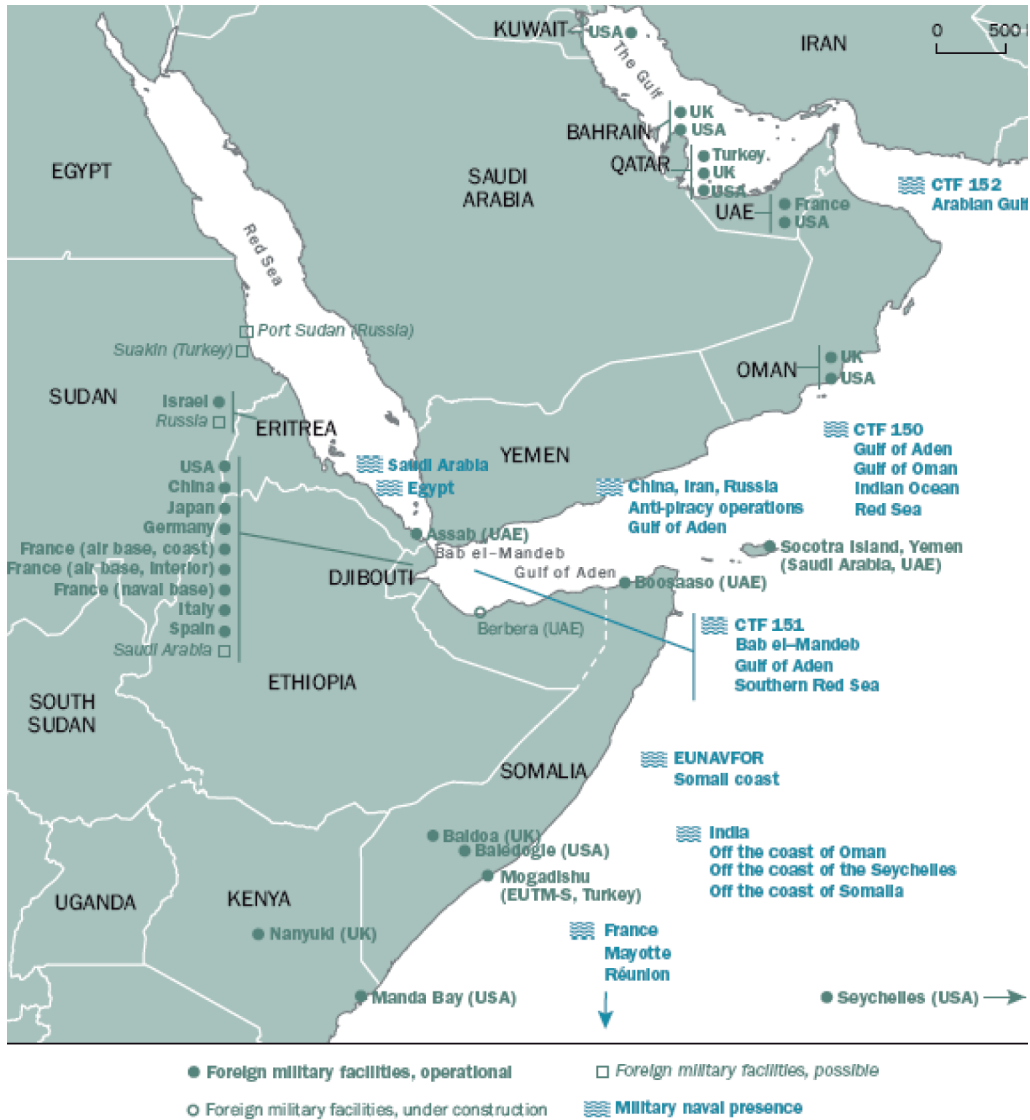


Figura 5 – Bases e forças militares internacionais na região do Corno de África em 2019

Fonte: Melvin (2019).

O número crescente de bases militares estrangeiras (e as que já estão projetadas), a par da presença assídua de um elevado número de militares de diversas nacionalidades em diferentes Estados do Corno de África, em particular no Djibuti, evidencia a inequívoca importância do Estreito de Bab el-Mandeb e de toda a costa Sul do Mar Vermelho e do Golfo de Áden em termos de segurança, economia e geopolítica regional (Safak, 2019).

3. IDENTIFICAÇÃO DOS FATORES GEOPOLÍTICOS

Nogueira (2011, pp. 300-303) defendeu a abertura dos estudos geopolíticos a “fatores não puramente geográficos”, que considerou essenciais para “uma melhor compreensão holística da relação das sociedades entre si e destas com o meio em que se inserem”. Neste sentido, elencou fatores não geográficos (como a história, o temperamento da população, a língua, a religião e as formas de organização social) que juntou aos tradicionais fatores geográficos (a posição, a extensão, o clima, os acidentes geográficos, os recursos e a forma dos Estados), designando-os por “fatores estruturais”. Identificou, ainda, outro conjunto de fatores, políticos, económicos, militares e sociais a que chamou “fatores conjunturais”.

O presente capítulo foca-se precisamente no conjunto de fatores políticos, económicos e militares mais relevantes, por se entender que são os mais adequados para determinar a situação geopolítica e geoestratégia atual na região do Corno de África e espaços marítimos envolventes, e que melhor permitem caracterizar possíveis desenvolvimentos futuros.

3.1. Nível global

Neste nível será considerada a superpotência que tem sido hegemónica em todo o Médio Oriente (MO) e nos espaços marítimos envolventes, os EUA. Além desta, será incluída a potência em (re)ascensão que tem vindo a posicionar-se para contestar o domínio norte-americano e regressar a uma região onde já esteve em força há alguns séculos atrás, a China, e, ainda, a potência revisionista que tenta alcançar o patamar de relevo que outrora assumiu, durante o período da Guerra Fria – ainda como União Soviética –, a Rússia.

3.1.1. Estados Unidos da América

Em termos políticos, o papel que os Estados Unidos devem desempenhar no MO tem sido alvo de apurada análise, em particular dentro de portas, depois de mais de uma década e meia de guerras caras, inconclusivas e, aparentemente, “intermináveis” (no Iraque, no Afeganistão e, mais recentemente, na Síria). A resposta está longe de ser consensual, sobretudo quando se trata de competir com as potências emergentes Rússia e China. O presidente Donald Trump não está só na defesa de um retraimento norte-americano no MO. O seu antecessor, o presidente Barack Obama, compartilhou a mesma visão de que os EUA, depois de anos de forte investimento estratégico no MO, precisavam de reduzir a sua presença na região. E o facto é que o apoio público ao envolvimento militar contínuo no Iraque e no Afeganistão tem vindo a diminuir há vários anos (Edelman, 2019).

O mesmo tem vindo a acontecer em ambos os partidos, democrata e republicano, em que se têm levantado vozes a sugerir a redução e a limitação dos compromissos americanos na região. Alegam que o povo americano está “cansado da guerra” e de um envolvimento inconclusivo que parece não ter melhorado a região e que os Estados Unidos enfrentam

agora tantos ou mais jihadistas radicais do que no início do século. Outros argumentam que o envolvimento norte-americano criou mais desordem e que resolver as muitas patologias da região (falta de democracia, desigualdade de gênero, ausência de recursos, entre outras) está além da capacidade dos EUA (Edelman, 2019).

No mesmo sentido, Vakil (2019) refere que há uma percepção generalizada de que os EUA podem estar a abandonar o MO, e que esse pensamento deriva da política do presidente Barack Obama, que ficou conhecida “*leading from behind*”, seguida, logo depois, pelo presidente Donald Trump com a sua política “*America first*”, lamentando o elevado custo das guerras patrocinadas pelos norte-americanos na região³. As políticas de Washington em relação ao MO resultaram em processos violentos e demasiado estendidos no tempo para a construção de Estados no Iraque e no Afeganistão que esgotaram os recursos⁴ e o apoio público dos norte-americanos, e testemunhou o surgimento do ISIS e da sua marca radical de terror (Vakil, 2019).

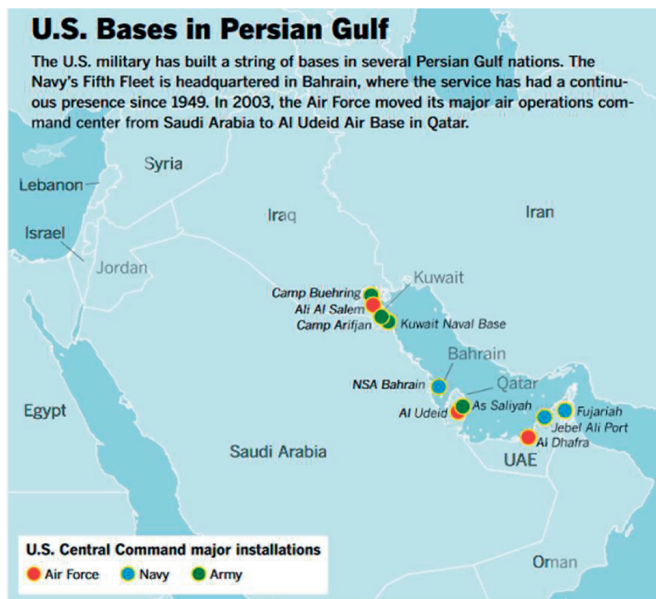
Em termos económicos, quando surgiu a ordem global pós-Segunda Guerra Mundial, os políticos norte-americanos viram os recursos energéticos do MO como um interesse vital para si e para os seus aliados na Europa e na Ásia. A importância de impedir que um poder hostil externo dominasse a região foi reconhecida formalmente pelo presidente Jimmy Carter, em 1980. Os seus sucessores tentaram impedir não apenas potências externas, mas também qualquer potência regional, de obter a hegemonia na região (Edelman, 2019).

A revolução tecnológica ocorrida na última década em torno da energia (fraturamento hidráulico, perfuração inclinada, etc.) forneceu, no entanto, acesso a petróleo e gás natural restritos (gás de xisto) que tornaram os EUA autossuficientes (e já exportadores). Os que eram a favor do controlo de custos viram aí uma excelente oportunidade para os EUA se libertarem dos seus compromissos, uma vez que deixaram de ter um interesse vital nos recursos energéticos do MO.

A ascensão da China e as ambições revisionistas da Rússia assumem-se como um desafio de relevo à posição global norte-americana, até porque têm vindo a desenvolver capacidades militares que podem ameaçar, a prazo, a primazia militar global dos EUA. Neste sentido, a base militar edificada no Djibuti logo após o 11 de setembro, e que se assumiu inicialmente como base operacional na “Guerra ao Terror”, especificamente para atingir alvos da Al-Qaeda tanto no Iémen como na Somália, adquiriu preponderância crescente, não apenas por ser a única base naval permanente norte-americana em África, como, sobretudo, pela relevância geoestratégica que advém do facto de estar situada em pleno Estreito de Bab el-Mandeb. Mas os EUA mantêm, no Golfo Pérsico, um relevante dispositivo militar, que a Figura 6 mostra, e que, a par da base do Djibuti, lhe permite fazer face às pretensões da China e da Rússia na região.

³ Em termos humanos, entre 224.000 e 258.000 pessoas morreram diretamente em razão dos conflitos, incluindo 125.000 civis no Iraque. Muitos mais morreram indiretamente, devido à falta de água potável, de assistência médica e de subnutrição. Pelo menos 365.000 pessoas ficaram feridas e 7,8 milhões foram deslocadas (Trotta, 2011).

⁴ Um relatório do *Watson Institute*, da Universidade de Brown, de novembro de 2018, aponta previsões de gastos dos EUA em cerca de 5,9 trilhões de dólares na “guerra contra o terror” até final de 2019, incluindo custos diretos e custos relativos a obrigações para com veteranos de guerra do pós 11 de setembro (Crawford, 2018).



Source: <http://library.cqpress.com>

Figura 6 – Dispositivo militar dos EUA no Golfo Pérsico

Fonte: Hughes (2016).

3.1.2. China

Tomé (2019, p. 72) destaca que “uma das principais transformações na estrutura de poder mundial nas últimas décadas é a ascensão da China”, e que se tem vindo a assistir a uma “ressurgência” da China, que se vem destacando de outras grandes potências e aproximando o seu “poder nacional abrangente” da única superpotência, os EUA. Embora a retórica de Pequim tenha sido de que “as capacidades militares chinesas são puramente defensivas”, têm vindo a ocorrer nos últimos anos diversas iniciativas que têm contribuído para o crescimento das “inquietações” de outros atores (Tomé, 2019, p. 79).

Os esforços de projeção de poder da China no Oceano Índico são uma dessas iniciativas e têm vindo a ganhar contornos mais nítidos: para sustentar forças militares no Oceano Índico, a China precisava de ter acesso a instalações em determinados pontos-chave⁵; por outro lado, os líderes chineses têm motivos para se preocuparem com múltiplos riscos e ameaças na região, até ao potencial dos Estados Unidos para interromperem as linhas de abastecimento chinesas em caso de conflito (Cooper, 2018).

Neste sentido, em termos políticos, a nova base militar da China no Djibuti pode ser

⁵ Em 26 de novembro de 2015, Pequim confirmou os seus planos de construção da primeira base militar naval no exterior do país, no Djibuti, assumindo tratar-se de um passo importante no desenvolvimento militar estratégico da China. Nessa ocasião, e reiterando as intenções de Pequim em desempenhar um papel mais interventivo na garantia da paz e estabilidade regionais, o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, Hong Lei, afirmou: “A construção de instalações relevantes ajudará o poder militar da China a participar, mais ainda, nas operações de manutenção da paz da ONU, a realizar missões de escolta nas águas da Costa Leste da Somália e no Golfo de Áden e a disponibilizar assistência humanitária” (Jash, 2015).

considerada como uma primeira infraestrutura para projeção de poder. Visa garantir o interesse nacional da China e servir como força compensatória contra outros atores relevantes no Oceano Índico, designadamente os EUA (Jash, 2015). Esta medida dá ainda corpo às aspirações chinesas que outrora se manifestaram através da edificação do “Colar de pérolas” - construção de bases navais para garantir a proteção das linhas de comunicação marítimas, sobretudo próximas de zonas de estrangulamento. Mas esta opção configura, de igual modo, uma mudança estratégica da China, corporizada no seu Livro Branco da Defesa de 2015, em que é referido que “[a] mentalidade tradicional de que a terra supera o mar deve ser abandonada, e deve ser atribuída grande importância à gestão dos mares e oceanos e à proteção dos direitos marítimos e interesses” (The State Council of the People’s Republic of China, 2015).

Do ponto de vista económico, o que torna o Oceano Índico importante é o facto de conter rotas marítimas vitais, atuando como um corredor comercial estratégico. Mais de 80% do comércio marítimo mundial de petróleo transita pelos pontos de estrangulamento do Oceano Índico (Estreitos de Ormuz, de Malaca e Bab el-Mandeb). A economia chinesa é altamente dependente dessas rotas comerciais, já que são absolutamente vitais tanto para as importações de energia de que Pequim necessita, como para as exportações dos seus produtos. É natural, portanto, que o governo chinês procure garantir a segurança ao longo dessas linhas de comunicação marítimas de modo a salvaguardar os seus relevantes interesses económicos, designadamente os que se relacionam com a implementação do seu ambicioso projeto, *Belt and Road Initiative* (BRI). E para tal necessita de fortalecer a sua presença e incrementar as atividades militares, construindo bases e assumindo-se como ator de relevo na região (Jash, 2015).

Em termos militares, a base do Djibuti fornece à China capacidade para responder a contingências que afetem a liberdade de navegação ao longo de toda a Península Arábica (não se cingindo apenas ao Estreito de Bab el-Mandeb), que desde há muito é controlada pelos EUA. Porventura mais relevante, ainda, é o facto de a base militar no Djibuti permitir a Pequim expandir, de forma sustentada, as suas capacidades navais em termos de desenvolvimento do *sea denial*⁶, incluindo *deployment* de submarinos em todo o Oceano Índico e recursos estratégicos *anti access/area denial* (A2/AD), arquitetura que consiste basicamente em criar uma camada de defesa em profundidade, em torno do espaço a proteger, impedindo ou, pelo menos, dificultando a aproximação de potenciais agressores (Jash, 2015).

3.1.3. Rússia

Refere Tomé (2018, p 92) que “a ambição de restaurar a sua esfera de influência é uma prioridade da Rússia de Putin” e que “certas práticas” evidenciam “um comportamento expansionista russo”. A região do Corno de África é, simplesmente, mais uma onde essa atitude se tem inequivocamente manifestado, como a seguir se demonstra.

⁶ Conceptualmente, a negação do uso do mar é exercida quando uma parte impede o adversário de usar uma área marítima específica, durante um determinado período de tempo. A relevância desta base militar chinesa é, pois, tanto maior quanto mais permitir a Pequim expandir as suas capacidades navais em termos da negação do uso do mar a potências rivais (Jash, 2015).

Em termos políticos, desde o estabelecimento do Iémen do Sul, em 1967, e declaração posterior assumindo-se como um Estado marxista, que a então União Soviética vinha valorizando a importância geoestratégica do Golfo de Áden. Durante a década de 1970, a União Soviética estimulou a sua aliança com o Iémen do Sul para garantir uma base naval em Áden e instalações na ilha de Socotra. Com a unificação do Iémen, em 1990, Moscovo viria a perder essas instalações, coincidindo, aliás, com a retirada e progressivo desaparecimento russo do MO a partir de 1991 (Grygiel, 2019).

As aspirações da Rússia em (voltar a) ter uma base naval próxima do Estreito de Bab el-Manbeeb datam de 2009. Mais tarde, em agosto de 2017, o ex-comandante da marinha russa, Feliks Gromov, sublinhou a importância do estabelecimento de uma base naval russa perto das rotas comerciais do Golfo de Áden. Logo depois, o Instituto de Estudos Orientais de Moscovo descreveu, num aparente esforço concertado, a ilha de Socotra, no Iémen, como o local ideal para a sua construção (Ramani, 2018).

Neste sentido, Moscovo tem vindo a desenvolver uma política de “neutralidade estratégica”⁷ no Iémen, que pode ser explicada por interesses materiais no Golfo de Áden, por aspirações de promoção de *soft power* em todo o MO, como a edificação da cadeia internacional de televisão, a *Russian Today* (RT), que possui um serviço em árabe, a *RT Arabic*, e que é já uma das três maiores redes de TV da região (Suchkov, 2015), e pelo desejo de equilibrar os interesses divergentes das demais potências na região. Ao estabelecer pontes com os atores regionais mais influentes no Iémen e mostrar a sua capacidade de manter boas relações com as principais fações oponentes, a Rússia procura expandir a sua influência sobre o processo de resolução do conflito (Ramani, 2019).

Por outro lado, Moscovo tem aproveitado as hesitações norte-americanas para assumir maior preponderância junto de um tradicional aliado dos EUA na região, o Egito. Depois de em agosto de 2017 a administração Trump ter decidido condicionar a ajuda económica e militar ao Cairo por considerar estarem em causa direitos humanos, a democracia e o Estado de Direito no Egito, a Rússia apressou-se a preencher este vazio com vários acordos de venda de armas, designadamente, 50 jatos de combate MiG-29 e 46 helicópteros de uma versão naval do Kamov Ka-52 Alligator, destinado aos dois navios de assalto anfíbio da classe Mistral que o Cairo adquiriu à França, em setembro de 2015 (Zilberman & Shaker, 2018). Mas Moscovo encetou, de igual modo, uma aproximação a outro tradicional aliado de Washington, a Arábia Saudita, tendo mesmo apresentado uma proposta de criação de uma organização análoga à Organização para a Segurança e Cooperação na Europa, mas para o Golfo Pérsico, uma ideia antiga que voltou a apresentar em julho de 2019 (Belenkaya, 2019).

Em termos económicos, o Ministro dos Negócios Estrangeiros russo, Serguei Lavrov, anunciou a intenção, em 31 de agosto de 2018, em Sochi, na Rússia, de Moscovo estabelecer um centro logístico na Eritreia que visava aumentar o volume do comércio de produtos

⁷ Para estender a sua cooperação com o Irão, defendeu Teerão de alegações sobre o fornecimento de mísseis balísticos aos houthis e bloqueou um projeto de resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas, patrocinado pelos EUA, condenando o alinhamento do Irão com os rebeldes, em dezembro de 2018. Já para apelar à Arábia Saudita, apoiou a legitimidade de Hadi como presidente do Iémen, com a condição de que fosse reconhecido pelas Nações Unidas, e criticou a radicalização dos houthis após o assassinato do ex-presidente Saleh, denunciando ataques dos Houthi com mísseis contra petroleiros que navegavam no estreito de Bab el-Mandeb. (Ramani, 2019).

agrícolas e minerais ao longo de todo o Mar Vermelho (TesfaNews, 2018). Em simultâneo, tem vindo a explorar a possibilidade de edificar uma base naval na Somalilândia, o que facilitaria o seu acesso ao relevante porto comercial de Berbera (Berg & Meester, 2018).

Em termos militares, a estratégia de neutralidade seguida pela Rússia no Iémen poderá facilitar o acesso a uma base militar no Golfo de Áden, melhorar sua imagem no MO e fortalecer seu relacionamento com os principais parceiros regionais. A edificação de uma base naval na Somalilândia permitiria, logo que consiga estabelecer uma base no Iémen, ligar o Corno de África (Norte da Somália) à Península Arábica (Sudoeste do Iémen) (Ramani, 2018).

3.2. Nível regional

No presente subcapítulo serão consideradas as potências com maior influência no nível regional. Desde logo a Arábia Saudita e o Irão que disputam a supremacia na região e apoiam facções oponentes no conflito iemenita, que Soage (2017, p. 2) apelidou mesmo de “nova Guerra Fria do Médio Oriente”. Depois, os EAU e o Egito, aliados de Riade no conflito do Iémen, mas também Israel, o Qatar e a Turquia, por terem um papel cada vez mais preponderante nas alianças, mais ou menos formais, que se vão estabelecendo no Corno de África e espaços marítimos adjacentes.

3.2.1. Arábia Saudita

Em termos políticos, as reformas implementadas pelo príncipe herdeiro Muhammad bin Salman, a partir de 2017, que ficaram conhecidas como “visão 2030”, concentram-se quase só na redução da dependência do país do petróleo e no desenvolvimento de uma economia impulsionada pela produtividade (Soage, 2017, p. 13). Paradoxalmente, não dão voz às pessoas e aos problemas que as afetam, já que amiúde ocorre a perseguição de ativistas políticos, de defensores dos direitos das mulheres, de jornalistas e de figuras religiosas, entre outros grupos de cidadãos (El Yaakoubi, 2018).

Mas Riade tem procurado ampliar a sua influência em toda a região. A assinatura, em Jeddah, cidade portuária no Mar Vermelho, do histórico acordo de paz entre os antigos inimigos Etiópia e Eritreia, em setembro de 2018, e a promoção da estabilidade no Iémen através da constituição de uma coligação árabe de apoio ao governo do presidente Abd-Rabbuh Mansour Hadi, são dois exemplos de iniciativas diplomáticas de relevo conduzidas por Riade. Interessa-lhe garantir a segurança da sua fronteira Sul, conter as ambições expansionistas do Irão, combater ameaças terroristas e salvaguardar a segurança regional. Finalmente, tem procurado isolar o Qatar, com o apoio dos EAU (a que se juntaram, neste processo, o Bahrein e o Egito), desde que, em 2017, se tornaram rivais. Os quatro Estados divulgaram declarações coordenadas acusando o Qatar de apoiar grupos terroristas, afirmando que, em resultado dessas ações, cortavam ligações com o país por terra, mar e ar (The Washington Post, 2017a).

Em termos económicos, a Arábia Saudita detém a segunda maior reserva de petróleo e a sexta de gás natural do mundo. Este sector representa cerca de 70% das receitas do

Estado (Ratner, 2018). Por outro lado, a Arábia Saudita há muito que usa vastos recursos financeiros derivados das exportações de petróleo como uma ferramenta de política externa na região. Através de avultados investimentos, procura concretizar objetivos económicos no Corno de África, como a produção de alimentos e o comércio regional, perseguindo ainda outros objetivos estratégicos, como negar ao Irão a presença em portos ao longo de uma das principais linhas de abastecimento da região (Berg & Meester, 2018).

Em termos militares, a Arábia Saudita lidera a coligação árabe contra os houthis no Iémen. Para além dos raids aéreos usualmente levados a cabo contra posições dos rebeldes e do embargo à navegação mercante com destino a portos por eles controlados, o apoio tem-se estendido à presença de militares em terra, sobretudo no Sul do Iémen, em auxílio direto às forças do presidente Hadi. Finalmente, a Arábia Saudita finalizou um acordo com o Djibuti para aí construir uma base militar, o que lhe permitirá maior capacidade de projeção de poder (Berg & Meester, 2018).

3.2.2. Irão

Em termos políticos, a ideologia promovida pelo Irão, incentivando o “despertar islâmico”, que não se baseia necessariamente no princípio *Khomeinista* de *Wilayat al-Faqih*, sistema de governo islâmico xiita que justifica o domínio do clero sobre o Estado (Addadh, 2019), mas que se pode adaptar às condições particulares dos diferentes países, agrada a muitos muçulmanos (não apenas persas), já que se centra nas pessoas e lhes garante uma voz mais ativa em muitas decisões que os afetam. Além disso, a usual retórica de resistência contra Israel e os EUA tem eco em inúmeras ruas árabes, já que os seus habitantes sempre olharam para aqueles países com desconfiança, e retira, até, alguma legitimidade a Riade, aliado tradicional de Washington (Soage, 2017, p. 13).

Por outro lado, importa relevar a capacidade de Teerão projetar a sua influência através de forças de procuração: *Twelvers* no Líbano e no Iraque (escola de seguidores dos 12 imãs, que consideram os únicos legítimos sucessores do Profeta Muhammad, começando com *Ali ibn Abu Talib* (600-661 d.C.) e terminando com *Muhammad ibn. Hassan* (nascido em 869 d.C.), o décimo segundo imã que, segundo a sua crença, surgirá e trará paz e justiça ao mundo, tornando-se o salvador supremo da humanidade (Tristam, 2019)); *Alawis* na Síria (ramo xiita que reverencia *Ali ibn Abi Talib*, primo e genro do profeta *Muhammad*, considerado o primeiro imã da *Twelver School* (Spencer, 2016)); e *Zaydis* no Iémen (escola xiita que adotou o nome de *Zayd b. Ali, bisneto do imã Ali*, mas que se distancia do ramo maioritário xiita por rejeitar que qualquer pessoa que descende da casa de *Ali* é elegível para imã (Washington Examiner, 2014)). As autoridades iranianas enfatizam, ainda, o seu apoio a muçulmanos sunitas, em particular na Palestina, e denunciam grupos *takfiri* (ideologia radical, fundamentalista, pregada por islâmicos ultraortodoxos contra árabes moderados e xiitas), como o ISIS, como parte de uma manobra ocidental para manchar a reputação do islamismo (Soage, 2017. P. 14).

Em termos militares, o envolvimento do Irão no Iémen a favor do movimento houthi contra as forças do governo de Mansur Hadi, faz parte de uma estratégia militar mais

ampla, através da qual Teerão pretende assumir o controlo do Estreito de Ormuz até ao Mar Vermelho, passando pelo Estreito de Bab el-Mandeb (Zaouaq, 2018).

Em termos económicos, o Irão é um dos principais exportadores de hidrocarbonetos da região e almeja obter a hegemonia regional, através do controlo de dois estreitos absolutamente vitais para o comércio marítimo internacional, em particular de energia (Estreitos de Bab el-Mandeb e de Ormuz). Pelo Estreito de Ormuz passa a esmagadora maioria das exportações do Irão que são decisivas para o desenvolvimento económico do país (Ratner, 2018).

3.2.3. Egito

Em termos políticos, o Egito pretende reforçar a cooperação regional em assuntos marítimos para melhor enfrentar os crescentes desafios multidimensionais. Nesse sentido, em setembro de 2019, navios de guerra e forças especiais egípcias participaram no exercício *Red Wave II* realizado em águas territoriais sauditas, e que incluiu meios navais e forças especiais da Jordânia, do Djibuti, do Sudão e do Iémen. O Egito já havia participado, em dezembro de 2018, no exercício *Red Wave I*, igualmente organizado pela Arábia Saudita (Khan, 2019). A construção de novas bases navais, em particular a de Ras Banas, no Sudeste do país, em pleno Mar Vermelho, e a criação do comando da Frota do Sul, insere-se nessa estratégia (Khan, 2019). Por outro lado, o Cairo incrementou a atividade naval na região do Mar Vermelho para apoiar a coligação árabe no Iémen (Mahmood, 2019). Nesse sentido, mantém, em permanência, desde maio de 2015, quatro navios de guerra na área do Estreito de Bab el-Mandeb (Shay, 2017).

No mapa de amizades/inimizades regionais, e para além da Arábia Saudita, o Egito tem procurado aprofundar a cooperação com Israel, ainda que os recursos energéticos recentemente descobertos tenham levado a maior concorrência entre ambos os Estados na procura de gás natural *offshore* no Mediterrâneo Oriental. Em sentido oposto, tem vindo a afastar-se da Turquia, sobretudo devido ao apoio de Ancara à Irmandade Muçulmana (IM) (Khan, 2019). Mas tem vindo, de igual modo, a distanciar-se do seu tradicional aliado, os EUA, para se aproximar da Rússia. A título de exemplo, importa reter que, em maio de 2018, Egito e Rússia assinaram um acordo através do qual Moscovo se comprometeu a estabelecer uma Zona Industrial Russa na Zona Económica do Canal do Suez. O Egito espera que este projeto possa atrair até 70 bilhões de dólares norte-americanos em investimentos e criar 35.000 empregos (Zilberman & Shaker, 2018).

Em termos militares, o Egito, que já detém as forças armadas mais robustas do mundo árabe (Deutsche Welle, 2019), tem feito grandes aquisições de meios navais com o intuito de modernizar e expandir as suas capacidades oceânicas. Os novos meios incluem dois navios de assalto anfíbio de fabrico francês (classe *Mistral*) quatro submarinos *Type 209* de origem alemã, seis fragatas *MEKO 200* igualmente alemãs e uma fragata *FREMM* de origem francesa (Khan, 2019).

Em termos económicos, a segurança marítima no Estreito de Bab el-Mandeb e no Mar Vermelho é crucial para o Egito, que está muito dependente do regular tráfego marítimo por estes espaços para obtenção de receitas provenientes da exploração do Canal do Suez. As

autoridades egípcias estimam que passem dos atuais 5,3 bilhões de dólares norte-americanos para 13,2 bilhões em 2023 (Suez Canal Authority, 2020).

3.2.4. Emirados Árabes Unidos

Considera Al Maashi (2017, p. 47) que “existem duas franjas navais estratégicas que cercam o estreito de Bab el-Mandeb”. A primeira desde o extremo Noroeste do Iémen até ao porto de Do’bab, adjacente ao estreito, estendendo-se à costa da África Oriental oposta, desde o porto de Massawa (Eritreia) até ao porto do Djibuti. A segunda começa no Golfo de Áden, ao longo da costa Sul do Iémen, e segue paralelamente ao longo da costa Norte da Somália, do porto de Berbera até ao porto de Bosasso (Puntlândia).

Ardemagni (2018, p. 7) refere que, em termos políticos, os EAU estão entre os atores do MO mais ativos no “complexo regional de segurança de Áden” e são capazes de projetar influência em ambas as franjas supramencionadas. Para tal muito contribuiu o conflito iemenita que é, segundo Al Maashi (2017, p. 54) a “principal força motriz dos interesses dos EAU [naquela região]”, cujas prioridades podem ser classificadas em quatro áreas: operações de contraterrorismo contra a Al-Qaeda; estabilização das zonas libertadas do jugo das milícias houthis e das forças de Saleh; treino de forças do governo iemenita; e garantir o papel dos EAU como um centro económico de referência na região.

Em termos económicos, Abu Dhabi projetou uma ambiciosa “estratégia de cadeia de portos” entre o sul do Iémen e o Corno de África, utilizando um esquema com algumas semelhanças à BRI chinesa: o *Dubai Ports World* (DP World), que é frequentemente considerado um relevante instrumento da política externa dos EAU (Berg & Meester, 2018), ganhou concessões para a gestão de vários portos comerciais na África Oriental: Djibuti, Berbera, Bosasso, Kismayo e Barawe (Sul da Somália).

Em termos militares, com a saída do Djibuti pouco tempo depois do início do conflito no Iémen, os EAU mudaram-se para Assab, na Eritreia, onde passaram a deter um contrato de arrendamento de 30 anos para uso militar do porto (Berg & Meester, 2018), e estão a construir uma outra base em Berbera, sem qualquer negociação prévia com o Governo Federal da Somália, que será o segundo centro militar de Abu Dhabi na África Oriental (Ardemagni, 2018). Como contrapartida, a Eritreia passou a apoiar a Arábia Saudita e os EAU no conflito com o Qatar e, em troca, recebeu assistência de Riade e de Abu Dhabi através da cedência de petróleo e da modernização da sua rede elétrica nacional. Este facto provocou, todavia, um maior arrefecimento nas relações entre o Governo Federal da Somália e os EAU, que já se tinham deteriorado quando, em 2017, a Somália tinha declinado tomar partido pelas monarquias do Golfo Pérsico contra o Qatar, no diferendo diplomático que as opunha, optando por manter-se neutral (Horseed Media, 2020).

3.2.5. Israel

Alguns Estados hostis a Israel têm procurado estabelecer-se ao longo da rota de acesso ao Sul do Golfo de Eilat e ao Canal do Suez, o que pode resultar em ameaças à segurança israelita (Guzansky & Eran, 2018). Segundo Melvin (2019, p. 10), também Israel mantém, desde 2012,

infraestruturas militares na Eritreia, no arquipélago Dahlak e em Massawa, e um posto de escuta em Emba Soira, que tem como objetivo monitorizar as atividades de Teerão no Mar Vermelho.

Em termos políticos, o conflito no Iémen tem estado à margem do discurso de segurança nacional de Israel, mas a eventual existência de mísseis de longo alcance e de alta precisão⁸ passíveis de serem lançados do território controlado pelas milícias houthis e atingir Israel, e o controlo dos rebeldes da costa oeste do Iémen, do Norte de Hodeidah até al-Luhaya, pode vir a alterar este posicionamento (Heistein & Guzanski, 2019).

Em termos militares, o Hezbollah, há muito classificado como ameaça estratégica para Israel, tem vindo a recolher importantes ensinamentos do conflito iemenita, onde tem estado presentemente envolvido no treino de operacionais houthis, já que está a aprender a combater Estados que usam sistemas avançados de armas e têm superioridade aérea. Têm testemunhado, ainda, o uso de *drones* contra baterias de defesa aérea hostis, o lançamento de ataques de mísseis de precisão contra infraestruturas críticas e a utilização de defesas aéreas contra aeronaves fabricadas nos EUA. Essas experiências, tanto os sucessos quanto os fracassos, criam conhecimento que poderá servir o Hezbollah em qualquer conflito futuro com Israel, o que se constitui como preocupação adicional (Heistein & Guzanski, 2019).

Em termos económicos, cerca de 15 biliões de dólares norte-americanos em mercadorias passam anualmente pelo Estreito de Bab el-Manbed de e para Israel, o que significa que também passam pelo território controlado pelos houthis. Tendo demonstrado animosidade em relação a Israel, e detendo a capacidade de minagem das águas, lançar mísseis anti navio e utilizar *drones* de superfície com explosivos, aquelas milícias têm potencial suficiente para ameaçar o tráfego marítimo de e para Israel (Heistein & Guzanski, 2019). Finalmente, desde o périplo de Benjamin Netanyahu pelo Leste do continente africano, em julho de 2016, que milhares de israelitas passaram a trabalhar em diversos centros económicos importantes na África Oriental, especialmente nas áreas do comércio, gestão agrícola e serviços, e algumas empresas israelitas passaram a deter o monopólio de inúmeras atividades económicas em diversos Estados (Al Jazeera, 2016).

3.2.6. Qatar

De acordo com Rajab (2019) e Wahab (2019), o Iémen tem vindo a ser internamente envolvido numa acesa disputa entre grupos islâmicos apoiados por diversas potências, entre as quais o Qatar. Em termos políticos, Doha poderá estar a usar o movimento Al-Islah, braço político da IM local, para atingir os seus objetivos no Iémen, na tentativa de aumentar a sua influência sobre o Estado e a sociedade iemenita. O acampamento Al-Ruwiq, em Marib, no centro do Iémen, tem vindo a ser financiado pelo Qatar. Esta região é um alvo estratégico para a IM construir o seu emirado no Iémen (Rajab, 2019).

Em termos militares, a competição pela influência regional no Corno de África entre o Qatar, por um lado, e a Arábia Saudita e os EAU, por outro, estenderam-se à Somália. As recentes aproximações entre a Somalilândia e a Puntlândia, e os EAU e a Arábia Saudita,

⁸ Sendo improvável que em pleno conflito os rebeldes iemenitas tenham desenvolvido mísseis tão avançados (que se assemelham aos modelos iranianos) em apenas alguns anos, é altamente provável que as armas possam ser fornecidas pelo *Iran's Islamic Revolutionary Guard Corps* (Heistein & Guzanski, 2019).

foram contestadas pelo parlamento e pelo Presidente da Somália, Mohamed Abdullahi Mohamed, próximo do Qatar e da Turquia.

No mapa de amizades regionais, a Turquia ficou do lado de Doha na disputa com a Arábia Saudita, EAU, Bahrein e Egito, na sequência da crise do Golfo Pérsico de 2017 que dividiu as monarquias árabes. A aliança dos dois países foi selada pela abertura da Turquia da sua primeira base militar no Médio Oriente, no Qatar, em abril de 2016 (Mourad, 2018). Por outro lado, durante essa crise também o Irão condenou o “cerco ao Qatar” que estava, em sua opinião, a ser feito pelas demais monarquias do Golfo Pérsico, juntamente com o Egito, tendo referido que apoiaria Doha naquele diferendo (Al Jazeera, 2017).

Em termos económicos, o Qatar além de utilizar grupos islâmicos para expandir a sua influência na região, usou-os para minar os interesses económicos dos seus rivais da Península Arábica (Wahab, 2019). O atentado ocorrido em maio de 2029 no porto de Bosasso, terá, segundo o *The New York Times* (2019), ficado a dever-se à tentativa de Doha de expulsar a empresa DP World, dos EAU, da gestão do porto e transferir os contratos da sua gestão para o Qatar. O alinhamento entre Doha e Teerão verifica-se também no campo económico, já que partilham um importante campo de gás no Golfo Pérsico (North Field) que é responsável por quase toda a produção de gás do Qatar (Iran Times, 2014), sendo que o Qatar detém, no total, a terceira maior reserva de gás do mundo (CIA, 2019). No Sudão, os interesses do Qatar estão mais uma vez alinhados com a Turquia. Após a aproximação entre Ancara e Cartum, Doha concordou em financiar quatro bilhões de dólares norte-americanos para desenvolver e gerir o porto de Suakin (Mourad, 2018).

3.2.7. Turquia

Em termos políticos, Ancara tem mantido o apoio ao Presidente da Somália e feito investimentos avultados no país, sobretudo em Mogadíscio, tendo construído escolas, hospitais e outras infraestruturas e fornecido bolsas de estudo para somalis estudarem na Turquia. Os crescentes laços entre ambos os Estados, resultaram, ainda, na edificação, por Ancara, da sua maior embaixada estrangeira na Somália (Berg & Meester, 2018).

No mapa de amizades da Turquia na região surge o Qatar. A proximidade entre ambos ganhou contornos mais expressivos depois da crise do Golfo Pérsico, em 2017, quando a Arábia Saudita, os EAU, Bahrain, juntamente com o Egito, decidiram cortar relações diplomáticas com o Qatar, acusando-o de apoiar grupos terroristas⁹ (The Washington Post, 2017a). O governo de Ancara disponibilizou a Doha apoio político permanente durante e após a crise suprarreferida. Há, todavia, um fator mais profundo por trás do apoio da Turquia ao Qatar: ambos defendem a visão desencadeada na “Primavera Árabe” para os países sunitas do MO. Já a Arábia Saudita, os EAU, o Bahrein e o atual governo egípcio do Presidente al-Sisi opõem-se terminantemente (France 24, 2017).

Em termos económicos, e à semelhança de outros atores regionais, também Ancara tem

⁹ Existem várias teorias para explicar as razões pelas quais se chegou a este extremo. Uma delas terá sido uma declaração reproduzida no sítio oficial do Qatar na internet que atribuiu ao emir a origem de comentários abonatórios para o Irão e para o grupo xiita Hezbollah. Mesmo depois de Doha ter rejeitado a responsabilidade de tais declarações, antes atribuindo-as a *hackers*, os meios de comunicação sauditas e dos EAU continuaram a divulgá-lo como um facto (The Washington Post, 2017b).

procurado estabelecer ligações entre a edificação de bases militares e a gestão de portos comerciais, tendo a empresa turca *Al-Bayrak Group* assumido, em setembro de 2014, a administração do porto de Mogadíscio (Mourad, 2018). Mas a Turquia também se aproximou do Sudão. Após o levantamento das sanções dos EUA, em outubro de 2017, Erdogan visitou Cartum, em dezembro desse ano, e os dois países assinado acordos para a construção do novo aeroporto de Cartum e para a produção de algodão, eletricidade e construção de silos de cereais (Berg & Meester, 2018). O acordo mais importante assinado foi, no entanto, sobre a alocação temporária da ilha de Suakin, uma antiga cidade portuária otomana no Nordeste do Sudão, no Mar Vermelho, à Turquia, que ficou responsável pela sua reconstrução, incluindo a edificação de docas para manutenção de navios civis e militares (Mourad, 2018).

Em termos militares, em setembro de 2017 Ancara passou a dispor da maior base militar no exterior, em Mogadíscio, fortalecendo massivamente a sua presença na África Oriental (Berg & Meester, 2018).

4. INTERAÇÕES GEOPOLÍTICAS: VISÃO PROSPETIVA

Este parágrafo irá centrar-se na análise dos potenciais interesses, iniciativas e objetivos de cada uma das potências globais e regionais consideradas neste estudo, procurando identificar áreas de acomodação, de conflito possível e de conflito provável, em ambos os níveis, e elencar relações de oposição e de convergência entre todas elas.

4.1. Potências globais

A um nível mais elevado, a importância internacional do Corno de África e dos espaços marítimos envolventes pode ser demonstrada pela presença militar visível das potências mundiais nesta região. De facto, os Estados Unidos e a China mantêm uma presença militar robusta no Djibuti, e a Rússia tem vindo a desenvolver iniciativas várias que possibilitem o regresso a uma região onde já esteve durante o período da Guerra Fria, então como União Soviética. Resumem-se, de seguida, os principais interesses e iniciativas dos atores globais e os objetivos que pretendem alcançar nesta região:

4.1.1. EUA

Principais interesses:

- Combater grupos terroristas na Somália e no Iémen;
- Evitar a ascensão da China e neutralizar as ambições revisionistas da Rússia no Oceano Índico Ocidental;
- Apoiar a coligação árabe no conflito iemenita;
- Redefinir o papel dos EUA no MO;
- Impedir que qualquer potência regional obtenha a hegemonia nos espaços marítimos do Corno de África.

Iniciativas mais relevantes:

- O estabelecimento da primeira base militar em África, no Djibuti;
- A manutenção de um forte contingente militar no Djibuti e no Golfo Pérsico.

Objetivos que pretende alcançar:

- Vencer a “guerra ao terror”;
- Assegurar a hegemonia militar no Oceano Índico Ocidental;
- Isolar o Irão e enfraquecer os rebeldes houthis no Iémen;
- Garantir a segurança energética nos espaços marítimos da Península Arábica;
- Garantir vantagens militares no topo do espectro do conflito, face à China e à Rússia;
- Reorientar o esforço de defesa para o Leste da Ásia.

4.1.2. China

Principais interesses:

- Garantir a segurança das linhas de comunicação marítimas no Oceano Índico e no Mar vermelho;
- Garantir profundidade estratégica;
- Expandir capacidades navais no Oceano Índico e no Mar Vermelho;
- Estreitar os laços com o seu aliado regional (Paquistão);
- Fortalecer a presença militar no Oceano Índico e Mar Vermelho.

Iniciativas mais relevantes:

- Edificação de uma base militar no Djibuti;
- Gestão do porto de Gwadar (Paquistão).

Objetivos que pretende alcançar:

- Proteger as importações de energia;
- Assegurar a proteção do projeto BRI;
- Incrementar o estatuto de grande potência numa região estratégica;
- Assegurar vantagem tática em caso de conflito futuro;
- Consolidar a transição de potência continental para potência continental e marítima em simultâneo;
- Equilibrar a influência tradicional dos EUA na região.

4.1.3. Rússia

Principais interesses:

- Garantir acesso ao Porto de Áden e à Ilha de Socotra, no Iémen;
- Edificar uma base militar na Somalilândia;
- Estabelecer um centro logístico na Eritreia;
- Apagar a imagem de um Estado rígido e autoritário;
- Minar a aliança norte-americana com a coligação árabe no conflito iemenita.

Iniciativas mais relevantes:

- Promoção do seu *soft power* na região do Corno de África;
- Adoção de uma política de neutralidade estratégica no Iémen.

Objetivos que pretende alcançar:

- Recuperar estatuto de grande potência na região;
- Expandir interesses económicos na região;
- Criar um *hub* regional, ligando o Corno de África à Península Arábica;
- Influenciar a solução para o conflito iemenita;
- Alterar a perceção menos favorável que a região tem da Rússia;
- Garantir um equilíbrio de poder na região.

4.2. Interações geopolíticas entre as potências globais

A partir da análise realizada, é possível identificar áreas de acomodação, áreas de possível conflito e áreas de conflito provável, significando, respetivamente, áreas em que é expectável que não haja conflito no futuro próximo, áreas em que em função de desenvolvimentos supervenientes poderão vir a ocorrer conflitos, e, finalmente, áreas em que o conflito está já latente. É ainda possível elencarmos relações de oposição e de convergência entre as três potências que a Figura 7 resume.

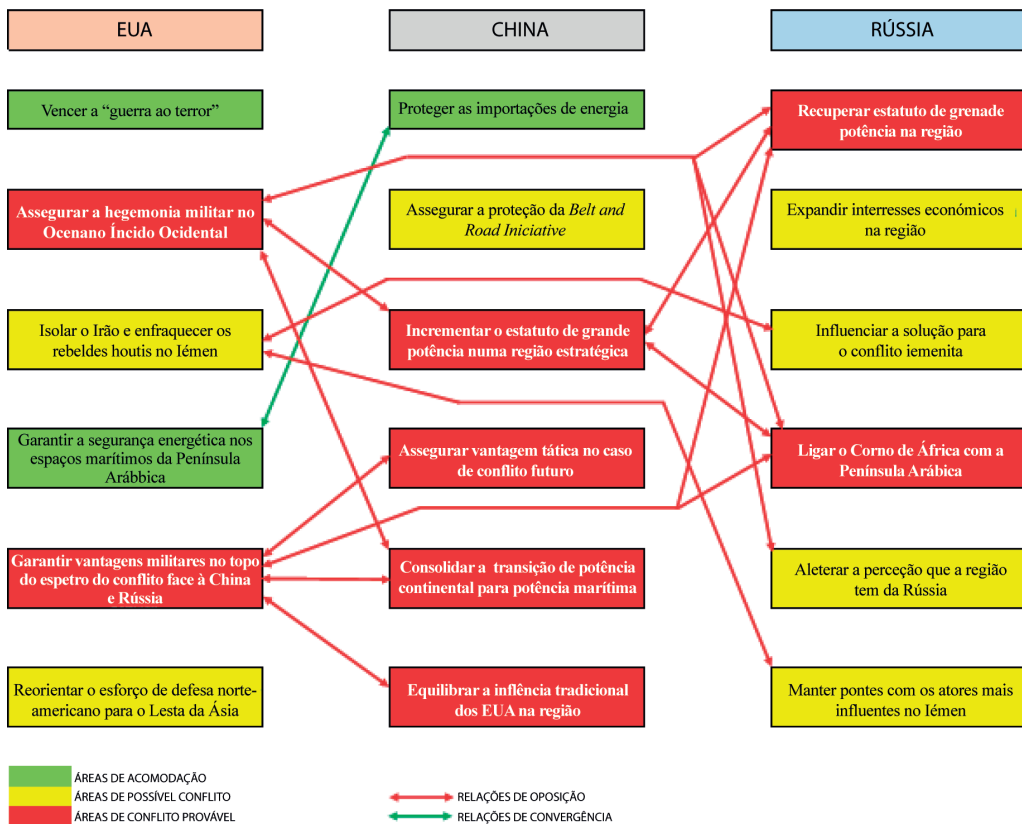


Figura 7 – Interações geopolíticas entre as potências de nível global

4.3. Potências regionais

At nível regional, algumas rivalidades geopolíticas sustentam a compreensão contemporânea dos espaços marítimos do Corno de África. A principal é a competição entre a Arábia Saudita e o Irão. As disputas de longa data entre estas duas potências do MO subiu de tom nos últimos anos, sobretudo em resultado da suspensão das relações diplomáticas dos sauditas com os iranianos, em 2016, após o saque da sua embaixada em Teerão por uma multidão em protesto contra a execução, na Arábia Saudita, do proeminente clérigo xiita, Sheikh Nimr Baqir al-Nimr.

Resumem-se, de seguida, os interesses, iniciativas e objetivos mais relevantes dos atores regionais considerados nesta investigação.

4.3.1. Arábia Saudita

Principais interesses:

- Apoiar o governo de Mansour Hadi no conflito do Iémen;
- Impedir o acesso do Qatar a bases e portos no Corno de África;
- Conter a presença iraniana no Corno de África.

Iniciativas mais relevantes:

- Estabelecimento de uma coligação árabe para combater as milícias houthis no Iémen;
- Imposição de um boicote ao Qatar;
- Estabelecimento da sua primeira base militar no exterior, no Djibuti.

Objetivos que pretende alcançar:

- Ampliar a sua influência em toda a região;
- Isolar o Qatar;
- Isolar o Irão.

4.3.2. Irão

Principais interesses:

- Projetar a sua influência na região através de forças de procuração;
- Exportar o “despertar islâmico” para Estados com uma população xiita significativa, mas também para as províncias orientais da Arábia Saudita ricas em petróleo;
- Apoiar as milícias houthis no conflito iemenita.

Iniciativas mais relevantes:

- Persistir na retórica de oposição a Israel e aos EUA;
- Promover uma agenda revolucionária em todo o MO;
- Manter apoio a comunidades sunitas, em particular na Palestina.

Objetivos que pretende alcançar:

- Obter a hegemonia regional;
- Enfraquecer a imagem da Arábia Saudita no mundo muçulmano;
- Obter o controlo do Estreito de Bab el-Mandeb.

4.3.3. Egito

Principais interesses:

- Assumir papel relevante na segurança dos espaços marítimos do Corno de África;
- Garantir as receitas provenientes da exploração do Canal do Suez;
- Reforçar a cooperação regional com os tradicionais aliados, Arábia Saudita e EAU, e com Israel.

Iniciativas mais relevantes:

- Construir uma base naval em Ras Banas, no Mar Vermelho;
- Incrementar aquisições de meios navais;
- Manter dispositivo naval permanente nos espaços envolventes do Estreito de Bab el-Mandeb em apoio da coligação árabe no conflito iemenita.

Objetivos que pretende alcançar:

- Isolar o Irão;
- Isolar o Qatar;
- Aproximar-se da Rússia.

4.3.4. EAU

Principais interesses:

- Diversificar a dependência económica da extração e comércio de hidrocarbonetos;
- Apoiar o governo de Mansour Hadi no conflito do Iémen;
- Edificar uma “estratégia de cadeia de portos” entre o Sul do Iémen e o Corno de África.

Iniciativas mais relevantes:

- Operar uma base militar na cidade costeira de Assab (Eritreia);
- Gerir os portos comerciais de Berbera (Somalilândia) e de Bosasso (Puntlândia);
- Construir uma base militar em Berbera.

Objetivos que pretende alcançar:

- Isolar o Irão;
- Isolar o Qatar;
- Projetar influência e poder na região do Corno de África.

4.3.5. Israel

Principais interesses:

- Evitar que ataques lançados do território controlado pelos houthis, no Iémen, possam atingir Israel;
- Evitar uma presença naval continuada de meios do Irão no Golfo de Áden e no Mar Vermelho;
- Evitar que o Hezbollah utilize a experiência de combate obtida no Iémen em ações contra Israel.

Iniciativas mais relevantes:

- Monitorizar as atividades iranianas no Mar Vermelho e prevenir a utilização da experiência colhida no conflito iemenita por milícias do Hezbollah;

- Supervisionar o controlo houthi da costa oeste do Iémen, do Norte de Hodeidah até al-Luhaya;
- Desenvolver ações que lhe permitam manter o monopólio de muitas empresas israelitas em diferentes atividades económicas em Estados da África Oriental.

Objetivos que pretende alcançar:

- Garantir a segurança nacional de Israel;
- Garantir a segurança do comércio marítimo de e para Israel, através dos espaços marítimos do Corno de África;
- Isolar o Irão.

4.3.6. Qatar

Principais interesses:

- Manter uma política externa independente, não alinhada com os interesses sauditas;
- Defender para os países sunitas do MO a visão desencadeada na “Primavera Árabe”;
- Incrementar a influência regional no Corno de África.

Principais iniciativas:

- Constituir um bloco com a Turquia e formar uma parceria com o Sudão para a reconstrução da antiga cidade portuária de Suakin;
- Usar grupos islâmicos ligados à IM para expandir a sua influência na região;
- Minar os interesses dos seus rivais da Península Arábica no Corno de África.

Objetivos que pretende alcançar:

- Manter laços estreitos com a Turquia;
- Manter a aliança com a Somália;
- Aproximar-se do Sudão.

4.3.7. Turquia

Principais interesses:

- Estabelecer uma presença militar relevante no Sudão, incluindo uma base na ilha de Suakin;
- Defender para os países sunitas do MO a visão desencadeada na “Primavera Árabe”;
- Manter boas relações com o Qatar.

Principais iniciativas:

- Aproximar-se do Djibuti, procurando aí estabelecer, a prazo, uma nova base militar;
- Apoiar o Presidente e o Governo Central da Somália;
- Manter apoio ao Qatar no diferendo com as demais monarquias do Golfo Pérsico;

Objetivos que pretende alcançar:

- Manter as relações de grande convergência com o Qatar;
- Aumentar a sua influência regional;
- Manter uma posição de grande proximidade com o Sudão.

4.4. Interações geopolíticas entre as potências regionais

Da análise efetuada é possível considerar a existência de uma coligação sunita que apoia o governo do Presidente Hadi, no Iémen, constituído pela Arábia Saudita, os EAU e o Egito. Israel tem interesses convergentes com este bloco, pois interessa-lhe isolar o Irão e evitar que assumam uma posição de maior relevo na região. Está em causa não apenas a sua própria segurança nacional, como a segurança do comércio marítimo de e para Israel através dos espaços marítimos do Corno de África.

O Irão lidera, por sua vez, o bloco xiita, com forças de procuração em diversas zonas da região que envolvem a Arábia Saudita, desde o Líbano ao Iémen. O apoio às milícias houthis no Iémen insere-se na tentativa de ganhar o controlo do Estreito de Bab el-Mandeb, o que proporcionaria a Teerão uma posição extremamente vantajosa na região. Por outro lado, a manutenção deste conflito militar bem próximo das fronteiras externas de Riade, cria receios acrescidos e incerteza no seu grande rival regional, a Arábia Saudita, o que muito agrada a Teerão. Finalmente, o Irão procura enfraquecer, mais ainda, a posição saudita através do “despertar islâmico”, que contrasta com as reformas rígidas implementadas por Riade, em 2017, e que, por isso, são do agrado de muitos muçulmanos. Em simultâneo, o Irão faz uso de uma persistente retórica de confronto com os EUA e com Israel que colhe junto das populações muçulmanas, xiitas, mas também sunitas, que continuam a olhar com desconfiança para aqueles Estados.

Um terceiro bloco é constituído pela Turquia e o Qatar que mantêm excelentes relações, sobretudo desde 2017, quando as demais monarquias do Golfo Pérsico procuraram isolar Doha por ter optado por uma política externa não alinhada com os interesses de Riade e de Abu Dhabi. A Turquia apoiou politicamente o Qatar e desde então essa relação próxima tem-se mantido, e mesmo reforçado, dado que ambos defendem a visão desencadeada na “Primavera Árabe” para a generalidade dos países sunitas do MO.

Em linha com o suprarreferido, a Figura 8 procura identificar as diferentes áreas de acomodação e de conflito, possível ou provável, entre os diferentes blocos e/ou Estados considerados, e as relações de conflito e de convergência que é possível identificar.

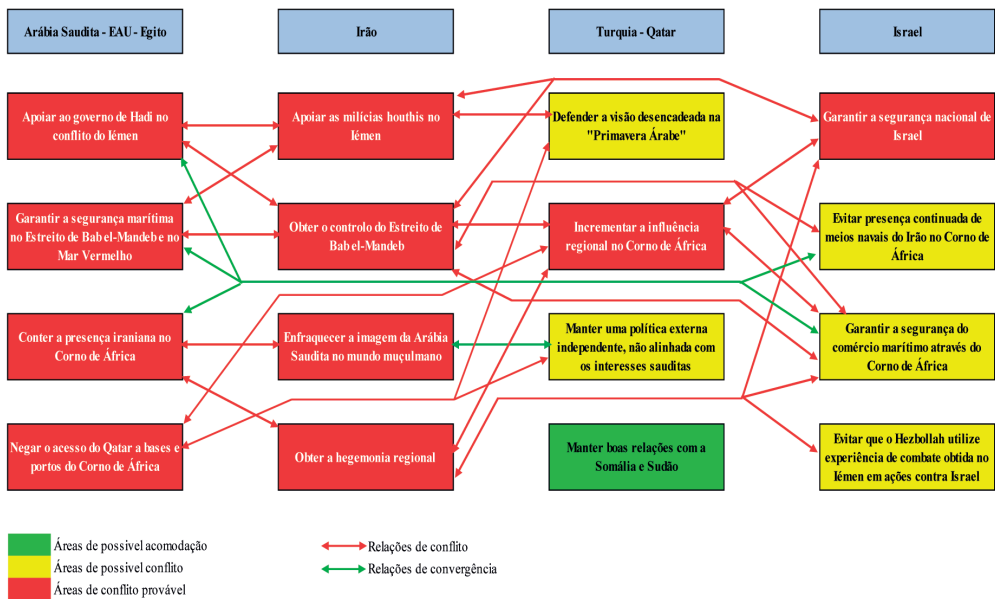


Figura 8 – Interações geopolíticas entre as potências regionais

4.5. Relações entre as diferentes potências

Em linha com as interações entre as potências globais e entre as potências regionais consideradas, e que foi possível identificar nos subcapítulos anteriores, é possível elencar diversas relações de cooperação e de conflito entre todas elas e que a Figura 9 resume.

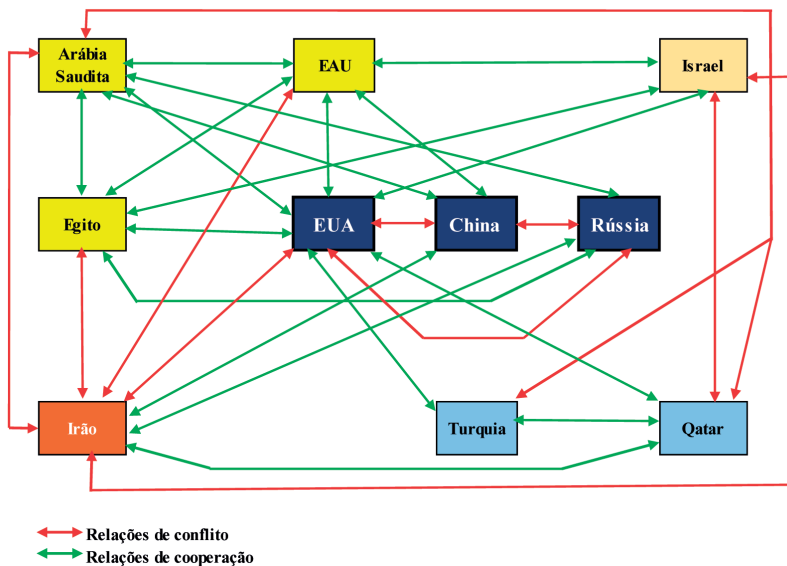


Figura 9 – Relações entre as diferentes potências

5. CONCLUSÕES

A região do Corno de África tornou-se nos últimos anos palco de competição entre potências globais e regionais. As potências externas têm-se esforçado para consolidar a sua presença na região, em particular nos Estados africanos, não apenas para obterem acesso a regiões distantes, mas para projetarem poder muito além das suas fronteiras naturais. É inevitável que o envolvimento de todos estes atores crie conflitos de interesses entre eles, sendo visível a forte militarização da região com o aparecimento de inúmeras bases militares no Mar Vermelho e no Golfo de Áden, a par de outras que estão já projetadas ou em edificação.

A nível global, os EUA, pese embora a indefinição que persiste em torno do papel que se propõem assumir no futuro próximo em todo o MO, mantêm um dispositivo militar robusto que lhes garante a defesa dos seus interesses nos espaços marítimos do Corno de África e permite fazer face à influência crescente da potência em ascensão, a China, e da potência revisionista, a Rússia. No conflito iemenita não se tem envolvido diretamente, embora tenha disponibilizado apoio diverso à coligação sunita.

A China tem procurado afirmar-se numa região estratégica para o seu ambicioso projeto BRI. Necessita de garantir a segurança dos espaços marítimos essenciais para a importação da energia de que é absolutamente dependente e de fazer chegar os seus produtos aos destinos, em particular à Europa. Mantém a posição tradicional de não ingerência em assuntos nos quais não tem interesse direto. Não se envolveu, por conseguinte, no conflito iemenita, e, certamente, não o fará, a menos que qualquer evolução superveniente possa colocar em perigo a implementação da BRI.

A Rússia tem apostado no seu *soft power* para regressar a uma região que considera estratégica e onde já esteve no tempo da União Soviética. Tem mantido uma posição neutral no conflito do Iémen, procurando dialogar com todos os intervenientes e criar pontes que lhe garantam dividendos futuros, através do estabelecimento de bases militares nos espaços marítimos do Golfo de Áden. Tem procurado, de igual modo, ocupar o espaço que tem vindo a ser deixado vago pelos EUA, aproximando-se de aliados tradicionais de Washington na região, como o Egito e a Arábia Saudita.

Em relação às potências regionais, os interesses são diversos e pouco coincidentes. Foi possível definir três blocos distintos. O bloco sunita, liderado pela Arábia Saudita, que procura isolar o Irão, evitando que adquira supremacia numa região vital para o comércio marítimo internacional, sobretudo de energia. O bloco xiita, liderado pelo Irão, com o apoio das suas forças de procuração que se estendem do Líbano ao Iémen, envolvendo praticamente toda a Arábia Saudita, pretende adquirir a supremacia na região do Corno de África. Se lograr alcançar o controlo do Estreito de Bab el-Mandeb, fica numa posição privilegiada para se assumir como a potência dominante em toda a Península Arábica e espaços marítimos envolventes. O terceiro bloco é constituído pela Turquia e o Qatar. Têm interesses convergentes, sobretudo por defenderem a visão iniciada com as diferentes “primaveras árabes”. Procuram, de igual modo, incrementar a sua influência no Corno de África, através da edificação de bases militares que lhes garantam a profundidade estratégica de que necessitam para fazer face à coligação saudita. Israel mantém uma posição de expectativa, sobretudo em relação ao

papel que o Irão e as milícias houthis, mas também do Hezbollah, podem vir a desempenhar no futuro próximo. Não se envolve diretamente no conflito iemenita, embora apoie a coligação árabe, e procura alcançar maior influência regional através do monopólio de muitas atividades económicas em diversos Estados do Sudeste africano.

Conclui-se, referindo que foi possível provar que o Corno de África e os espaços marítimos adjacentes, em particular pela relevância que têm para o comércio marítimo internacional são, no presente, um importante palco de competição geopolítica e de afirmação e projeção de poder das potências globais (EUA, China e Rússia) e das potências regionais (Arábia Saudita, Irão, EAU, Egito, Israel, Qatar e Turquia), e que as disputas entre elas se encontram em fase ascendente.

Referências bibliográficas

- Addadh, K. b. (2019). *A Theoretical Approach: Wilayat al-Faqih and IS*. Retirado de <https://eeradicalization.com/a-theoretical-approach-wilayat-al-faqih-and-is/>
- Al Jazeera. (2016). *Israeli Penetration into East Africa Objectives and Risks*. Retirado de <https://studies.aljazeera.net/en/reports/2016/09/israeli-penetration-east-africa-objectives-risks-160929102604246.html>
- Al Jazeera. (2017). *Iran: Hassan Rouhani condemns 'siege of Qatar'*. Retirado de <https://www.aljazeera.com/news/2017/06/iran-hassan-rouhani-condemns-siege-qatar-170625174347048.html>
- Al Maashi, H. A. (2017). From Security Governance to Geopolitical Rivalry: Iran-GCC Confrontation in the Red Sea and the Indian Ocean. *Asian Journal of Middle Eastern and Islamic Studies*, 11(4), 46-63.
- Aljamra, H. (2019). *Bab-El-Mandeb, Gateway to the Red Sea: the World's Most Dangerous Strait*. Retirado de <https://insidearabia.com/bab-el-mandeb-gateway-to-the-red-sea-the-worlds-most-dangerous-strait/>
- Alvarenga, H. (2008). *Batalha de Mogadíscio*. Lisboa: Academia Militar.
- Ardemagni, E. (2018). Gulf powers: maritime rivalry in the western Indian Ocean. *Istituto Per Gli Studi Di Politica Internazionale. Analysis n° 321*.
- Bailey, R., & Wellesley, L. (2017). *Chokepoints and Vulnerabilities in Global Food Trade*. Retirado de <https://www.chathamhouse.org/sites/default/files/publications/research/2017-06-27-chokepoints-vulnerabilities-global-food-trade-bailey-wellesley.pdf>
- Belenkaya, M. (2019). *What Is Russia Up to in the Gulf?* Retirado de [Thttps://www.themoscowtimes.com/2019/10/21/what-is-russia-up-to-in-the-gulf-a67828](https://www.themoscowtimes.com/2019/10/21/what-is-russia-up-to-in-the-gulf-a67828)
- Berg, W. v., & Meester, J. (2018). *Ports & Power: the securitisation of port politics*. Retirado de https://globalmaritimehub.com/wp-content/uploads/2018/10/Ports_and_Powers.pdf
- CIA. (2019). *Library: The world factbook*. Retirado de <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/qa.html>
- Cooper, Z. (2018). *Security Implications of China's Military Presence in the Indian Ocean*. Washington: Center for Strategic & International Studies.
- Crawford, N. C. (2018). *United States Budgetary Costs of the Post-9/11 Wars Through FY2019*. (B. University, Ed.) Retirado de https://watson.brown.edu/costsofwar/files/cow/imce/papers/2018/Crawford_Costs%20of%20War%20Estimates%20Through%20FY2019.pdf

- Cunningham, N. (2018). *The 4 Key Chokepoints For Oil*. Retirado de <https://oilprice.com/Energy/Energy-General/The-4-Key-Chokepoints-For-Oil.html>
- Deutsche Welle. (2019). Retirado de <https://www.dw.com/pt-002/os-tent%C3%A1culos-de-al-sisi-novo-l%C3%ADder-da-pol%C3%ADtica-externa-no-mundo-%C3%A1rabe/a-48530674>
- Edelman, E. (2019). *The US Role In The Middle East In An Era Of Renewed Great Power Competition*. (H. Institution, Ed.) Retirado de The Caravan: <https://www.hoover.org/research/us-role-middle-east-era-renewed-great-power-competition>
- EIA. (2017). *Maritime chokepoints are critical to global energy security*. Retirado de <https://www.eia.gov/todayinenergy/detail.php?id=32292>
- EIA. (2019). *The Bab el-Mandeb Strait is a strategic route for oil and natural gas shipments*. Retirado de US Energy Information Administration: <https://www.eia.gov/todayinenergy/detail.php?id=41073#>
- El Yaakoubi, A. (2018). *Saudi Arabia arrests two more women's rights activists: rights group*. Retirado de Reuters: <https://www.reuters.com/article/us-saudi-arrests-idUSKBN1KM564>
- France 24. (2017). *Why Turkey is backing Qatar in Gulf diplomatic crisis*. *France 24*. Retirado de <https://www.france24.com/en/20170625-why-turkey-backing-qatar-diplomatic-crisis>
- Grygiel, J. (2019). *Russia's Return To The Middle East*. Retirado de <https://www.hoover.org/research/russias-return-middle-east>
- Guzansky, Y., & Eran, O. (2018). *The Red Sea: An Old-New Arena of Interest*. *The Institute for Nacional Security Studies, Insight N° 1068*.
- Heistein, A., & Guzanski, Y. (2019). *Threats to Israel's national security emerging from Yemeni civil war*. *The Jerusalem Post*. Retirado de <https://www.jpost.com/Opinion/Threats-to-Israels-national-security-emerging-from-Yemeni-civil-war-607905>
- Horseed Media. (2020). *UAE seeks turnaround in relations with Somalia for help in Yemen war*. *Read more*. Retirado de <https://horseedmedia.net/2020/07/11/uae-seeks-turnaround-in-relations-with-somalia-for-help-in-yemen-war-read-more/>
- Hughes, L. (2016). *The United States and the Indian Ocean Region: The Security Vector*. Retirado de <http://www.futuredirections.org.au/wp-content/uploads/2016/06/The-United-States-and-the-Indian-Ocean-Region-The-Security-Vector.pdf>
- Iran Times. (2014). *Qatar offers to help Iran get out its gas*. Retirado de <http://iran-times.com/qatar-offers-to-help-iran-get-out-its-gas/>
- Jash, A. (2015). *China in Djibouti : Setting the Strategic Foot in Indian Ocean Region*. Retirado de <https://www.indrastra.com/2015/12/OPINION-China-in-Djibouti-Setting-Strategic-Foot-Indian-Ocean-Region-0548.html>
- Khan, S. (2019). *Key naval bases near completion as Cairo eyes wider maritime influence in the region*. Retirado de <https://theArabweekly.com/key-naval-bases-near-completion-cairo-eyes-wider-maritime-influence-region-0>
- Mahmood, O. (2019). *Competition, Cooperation and Security in the Red Sea*. Addis Ababa: Institute For Security Studies.
- Melvin, N. (2019). *The Foreign Military Presence in The Horn of Africa Region*. SIPRI.

- Mourad, H. (2018). *The scramble for the Red Sea*. Retirado de Ahram Online: <http://english.ahram.org.eg/NewsContentP/44/313355/Analysis/The-scramble-for-the-Red-Sea.aspx>
- Nogueira, J. (2011). *O Método Geopolítico Alargado*. Lisboa: IESM.
- Popescu, A. C. (2016). Control of Key Maritime Straits - China's Global Strategic Objective. *Supplement Geostrategic Pulse*, issue n° 225, 3-22.
- Pothecary, J. (2016). *Dangerous Waters: The Situation in the Bab el-Mandeb Strait*. Retirado de <http://cimsec.org/dangerous-waters-situation-bab-el-mandeb-strait/29508>
- Rajab, A. (2019). *Turkish- Qatari role to build a MB's army in Yemen*. Retirado de <http://www.theportal-center.com/2019/07/turkish-qatari-role-to-build-a-mbs-army-in-yemen/>
- Ramani, S. (2018). *Russia's Mediating Role in Southern Yemen*. Retirado de <https://carnegieendowment.org/sada/77482>
- Ramani, S. (2019). *Russia's Strategic Balancing Act in Yemen*. Retirado de <https://agsiw.org/russias-strategic-balancing-act-in-yemen/>
- Ratner, M. (2018). Iran's Threats, the Strait of Hormuz, and Oil Markets: In Brief. *Congressional Research Service*.
- Safak, Y. (2019). *Djibouti bases at Red Sea strait show outsize value*. Retirado de https://hiiraan.com/news4/2019/Jan/161794/djibouti_bases_at_red_sea_strait_show_outsize_value.aspx
- Shay, S. (2017). *Egypt strengthens its Strategic Presence in the Red Sea*. Retirado de Israel Defense: <https://www.israeldefense.co.il/en/node/28177>
- Soage, A. B. (2017). What is really behind the Saudi-Iranian cold war? *Instituto Español de Estudios Estratégicos*.
- South Front. (2020). *Military Situation in Yemen on January 28, 2020 (Map Update)*. Retirado de <https://southfront.org/military-situation-in-yemen-on-january-28-2020-map-update/>
- Spencer, R. (2016). *Who are the Alawites?* Retirado de <https://www.telegraph.co.uk/news/2016/04/02/who-are-the-alawites/>
- Suchkov, M. A. (2015). *Russia turns to soft power in the Middle East*. Retirado de <https://www.al-monitor.com/pulse/originals/2015/04/russia-middle-east-soft-power.html>
- Suez Canal Authority. (2020). *News Suez Canal*. Retirado de <https://www.suezcanal.gov.eg/English/About/SuezCanal/Pages/NewSuezCanal.aspx>
- TesfaNews. (2018). *Eritrea, Russia Foreign Ministers Meets in Sochi*. Retirado de https://www.tesfanews.net/russia-eritrea-foreign-ministers-sochi-meet/amp/?__twitter_impression=true
- The New York Times. (2019). With Guns, Cash and Terrorism, Gulf States Vie for Power in Somalia. *The New York Times*. Retirado de <https://www.nytimes.com/2019/07/22/world/africa/somalia-qatar-uae.html>
- The State Council of the People's Republic of China. (2015). *White Paper - China's Military Strategy*. Retirado de http://english.www.gov.cn/archive/white_paper/2015/05/27/content_281475115610833.htm
- The Washington Post. (2017a). Four Arab nations sever diplomatic ties with Qatar, exposing rift in region. *The Washington Post*. Retirado de https://www.washingtonpost.com/world/four-arab-nations-sever-diplomatic-ties-with-qatar-exposing-rift-in-region/2017/06/05/15ad2284-49b4-11e7-9669-250d0b15f83b_story.html?utm_term=.5877889ffdbf&itid=lk_inline_manual_3

- The Washington Post. (2017b). The Persian Gulf crisis over Qatar, explained. *The Washington Post*. Retirado de <https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2017/06/06/the-persian-gulf-crisis-over-qatar-explained/>
- Tomé, L. (2018). Geopolítica da Rússia de Putin. Não é a União Soviética, mas gostava de ser... *Relações Internacionais*, 69-99.
- Tomé, L. (2019). Espaço “Indo-Pacífico”: o Fator China e Motivações Geopolíticas. *Nação e Defesa*, N° 151, 66-100.
- Tristram, P. (2019). *Twelver Shiites and the Cult of Martyrdom*. Retirado de <https://www.thoughtco.com/twelve-shiites-or-ithna-ahariyah-2353010>
- Trotta, D. (2011). *Cost of war at least \$3.7 trillion and counting*. Retirado de <https://www.reuters.com/article/us-usa-war-idUSTRE75S25320110629>
- Vakil, S. (2019). *Middle East Perceptions Of An America Adrift*. Retirado de <https://www.hoover.org/research/middle-east-perceptions-america-adrift>
- Wahab, S. A. (2019). *What is Qatar’s Relationship with the Islah Party in Yemen?* Retirado de <https://eeradicalization.com/what-is-qatars-relationship-with-the-islah-party-in-yemen/>
- Washington Examiner. (2014). *A look at Zaydi Shiites and Houthi rebels in Yemen*. Retirado de <https://www.washingtonexaminer.com/a-look-at-zaydi-shiites-and-houthi-rebels-in-yemen>
- Wood, C. (2018). *A focal point of money, oil and power*. Retirado de <https://www.the-trumpet.com/17645-Bab-el-Mandeb-The-gate-of-tears>
- World Atlas. (2018). *Where Is The Horn Of Africa?* Retirado de <https://www.worldatlas.com/articles/where-is-the-horn-of-africa.html>
- Zaouaq, K. (2018). *Bab El-Mandeb Strait: a Threatened Strategic Passage*. Retirado de https://www.researchgate.net/publication/327058303_Bab_El-Mandeb_Strait_a_Threatened_Strategic_Passage
- Zilberman, B., & Shaker, R. (2018). *Russia and Egypt are Growing Closer*. Retirado de <https://www.the-american-interest.com/2018/06/06/russia-and-egypt-are-growing-closer/>